

## O MACRO MICRO MUNDO DE VEIGA SANTOS

Edison Farias - UFPA

### Resumo

O “Correio da Manhã” de 13 de dezembro de 1946 anunciava que, enfim, seria conhecido pelos cariocas o grande paisagista da Amazônia, Veiga Santos, “que tanto sucesso obteve nos Estados Unidos”. A partir desta notícia sobre a exposição pictórica de um paraense no Rio de Janeiro, o presente *paper* destaca, contextualiza e analisa o micro universo do artista, apresentando a extensão de sua obra - ainda pouco conhecida, mesmo no cenário cultural e regional amazônico – colocando o trabalho desse cametaense que, seguindo o seu pendor artístico teve formação artística em Lisboa, projetou-se como fotógrafo na cidade de Belém e frequentou a *Fine Art School of New Jersey*, contribuiu para a formação da cultura visual brasileira.

**Palavras-chave:** arte no Pará – Veiga Santos – pintor paraense

### Abstract

*The Newspaper "Correio da Manhã" 13 December, 1946, announced that, finally, would be known by cariocas the great landscape painter of Amazon, Veiga Santos, "that achieved so much success in the United States." From this news about the pictorial exposition of a Pará born person at Rio de Janeiro, this paper highlights, describes and analyzes the artist's micro world, showing the extent of his work - little known yet, even in the regional and cultural area of Amazon - putting this cametaense's work that, following his artistic vocation had artistic training in Lisbon, projected himself as a photographer at Belém city and attended at the Fine Art School of New Jersey, contributed to the Brazilian's visual culture formation.*

O sol das quinze horas pintava de luz dourada o simplório jardim por detrás do gradil da casa que, naquela tarde de setembro de 2003 resolvêramos visitar para entrevistar a moradora e assim concluir a pesquisa para o fechamento do relatório do doutoramento.

Betty Veiga Santos tinha seu atelier-escola numa casa simples de linhas próprias da década de 40 que marcaram a arquitetura na expansão da cidade de Belém no sentido dos bairros. Fomos recebidos então, após atravessarmos os jardins, por uma frágil senhora que meio desconfiada tentava manter uma boa aparência, a perfumada mulher nos seus setenta e cinco anos carregava sobre a face uma pesada máscara cosmética que denunciava quase uma tônica circense. Simpática e acolhedora a figura da pintora-professora fazia uma rima visual com o

mobiliário *chippendale* no interior da casa. Cadeiras e poltronas de longas e tortuosas hastes e palhinha, ladeadas por mesinhas altas laterais, a ostentar vasos decorados, faziam um conjunto de delicadezas emoldurado por uma parede, em azul desbotado, preenchida quase totalmente por telas e fotografias, emolduradas à antiga, que quase alcançavam o forro do alto pé-direito.

Próximo a uma cadeira onde Betty sentou-se para prostrar, um cavalete, com algumas bisnagas esmagadas, servia de testemunho a conversa que logo se preencheu de curiosidade. Betty era filha de José Veiga Santos, menino nascido no interior do Pará, na fazenda do avô no município de Cametá, em 18 de fevereiro de 1890. Betty, como constatávamos, herdara a vocação para a arte da pintura e para a docência desse metiê. Estávamos àquela altura buscando informações mais detalhadas sobre o pintor que Ricci havia citado em entrevista, e que fora sujeito bastante ativo no movimento cultural do início do século XX em Belém. Qual a nossa surpresa? Encontramos muito mais do que isto; encontramos, por meio das informações que nos seriam ofertadas pela senhora, o educador, o fotógrafo, o micro empresário e um dos referenciais estéticos da cultura amazônica.

Os quadros que se encontravam pelas paredes daquele ambiente foram objetos que remanesceram post-mortem a Veiga Santos. Óleos sobre tela que ficaram ancorados pelo tempo de uma estética de discursos vanguardistas e por imensas teias de aranha em seus cabos corroídos pela ferrugem. Impressionou-nos especialmente uma pequena tela sem moldura que Betty disse ser uma queda d'água de um lugar do interior do Pará. A pequena imagem era sedutora e quase fazia ruído, uma vez que provocava sinestesia tal qual a anedota do preâmbulo de Debray<sup>1</sup>, obra de um professor de pintura natural só poderia provocar essa reação no espectador.

Após um cafezinho especialmente “passado” para aquele encontro. Betty nos revelou fatos que marcaram a vida do pintor. Por exemplo, a morte do pai e a mudança para a cidade de Belém, assim como a sensibilidade do padrasto<sup>2</sup> em perceber o pendor do jovem para as artes ao ter investido no estudo do mesmo encaminhando-o para estudar desenho na Escola Nacional de Lisboa. Desde cedo a família percebeu que José construía seu micro mundo na arte, pois consta de sua biografia, e isto foi confirmado pela filha, que o menino era surpreendido em altas

horas a desenhar sobre a mesa da cozinha. Era um contumaz desenhador de calungas, afirma Betty.

Porém um fato resumiu e apresentou-nos ao pequeno grande mundo de José Veiga Santos na tarde morna no Jurunas. Betty nos cedeu uma pasta de recortes que o pai guardava sobre sua vida e suas coisas e também nos colocou nas mãos algumas fotografias do seu pai. Isto foi o bastante para a sedução ao empréstimo que logo se confirmaria e para a descoberta da totalidade do mundo de Veiga Santos.

José Veiga Santos em seu atelier. Acervo: Betty Veiga Santos

Lamentavelmente alguns recortes de jornais não possuem referências, porém, no pequeno espólio, podemos constatar a intensa vida cultural de Veiga Santos e sua importância para a arte no Norte do Brasil. Justamente é sobre esse material, fotocópias desses recortes e documentos, que iremos tratar neste *paper*.

A pasta continha, alguns textos com dados biográficos e os artigos de jornais “Arte e artistas de ontem” , 1975 – Augusto Meira Filho; “Quarenta anos de cores e imagens na vida de Veiga Santos” s/d; Homenagem do Pará a um dos grandes vultos da pátria” s/d; “Veiga Santos, Pintor paraense e um quadro de Pedro Américo” s/d; Veiga Santos vae fazer uma exposição do seus quadros” s/d; “O retrato de Caxias, offertado pelo major Magalhães Barata, destaca-se no salão nobre do Ministério da Guerra pela sua beleza artística” s/d; “Restauração da Imagem de Nossa Senhora da Assunção, pelo professor Veiga Santos” s/d; “Primeira Exposição Paraense de Bellas Artes, promovida pela Sociedade de Instrucção Artística do Brasil” s/d; “Notas artísticas - Salão Paraense, de 1936”; “A viagem do ‘Sagres’” s/d; “Exposição de Arte do cincoentenário da abolição” – Bruno de Menezes, 1938; “Exposição de Pintura Infantil”, s/d; “Exposição de Pintura Infantil” – Paulo Coelho, 1938; “Expressiva reprodução de quadro “Tomada de Humaytá” – Andreilino Cotta s/d; “O Governo do Pará e a figura de Caxias” s/d; “Valiosa dádiva ao Ministério da Guerra, feita pelo major Magalhães Barata”, s/d; “Homenagem ao general Gurjão”

s/d; “Exposição de Bellas Artes na Biblioteca Pública” s/d; “Noticias Sociais” – “Vanguarda” de 1946; “Artes e Artistas, VIII Salão de Belas Artes s/d; “Proclamado o ‘verdictum’ do júri do 2º Salão Oficial de Belas Artes” s/d; “Belém despojada” s/d; “Veiga Santos, paisagista amazônico” – Sebastião Godinho, 1983; “Evocação a um esteta” – N.A. Vasconcellos 1983; “A lembrança de Veiga Santos nas obras deixadas por toda cidade”, 1989; “Também Arte” s/d; “Roda Viva” – Victor Tamer s/d; “Linhas cametaenses” 1949; “Relembrando dois mortos” – Augusto Meira Filho, 1967; “II Salão de Belas Artes do Pará”, 1953; “A fortaleza de Nossa Senhora das Mercês da Barra” – Carlos Roque s/d; “Cametá Colonial” s/d; “Encerrou-se domingo o Salão de Belas Artes A solenidade no ‘foger dp teatro da Paz’”, 1954; “Secretaria de Educação e cultura”, 1952; “Telas do Salão para a PMB adquiridas pelo prefeito” s/d; “Arte fotográfica” s/d; “Veiga Santos, o grande paisagista da Amazônia que tanto sucesso obteve nos estados Unidos, será enfim conhecido pelos cariocas”, 1946, dentre outras notas menores em recortes sem data e referências.

Também encontramos fotografias familiares, pessoais, fotografias de obras vendidas, correspondências oficiais com a Secretaria Geral do Estado do Pará, fichas de Inscrições de Salões de Artes da Biblioteca do Arquivo Público, demanda enviada pela Legião Brasileira de Assistência, ofícios da Faculdade de Odontologia da Universidade do Pará, bilhetes, relação de retratos a óleo pintados da autoria de Veiga Santos e o que se destaca: a relação de todos os alunos que passaram pela sua escola que funcionou por quase quarenta anos.

Anotações e fotos das obras vendidas de José Veiga Santos. Acervo: Betty Veiga Santos

Com base nas anotações pudemos verificar que o pintor que tem sua obra espalhada por vários cantos do mundo, tais como, Porto Rico, Portugal, Stocolmo, Noruega, São Paulo, USA, Rio de Janeiro, Inglaterra, Brasília, como atesta a extensa lista de quadros vendidos e presenteados, alguns com os nomes dos proprietários perfazendo um total de 438 obras, sendo que alguns números, num total de 28, estão com tarjas pretas, riscados, sem a notação de “vendido” ou “*gift*”. Pudemos também aquilatar o sucesso das aulas de pintura no atelier de Veiga

Santos, entre as anotações veio uma relação intitulada “Alunos que frequentaram o curso de desenho e pintura do Prof. Veiga Santos” - nada mais do que 101 alunos de 1931 a 1966. A escola, segundo a biografia, fora fundada após o pintor ter abandonado a arte fotográfica e funcionava na Travessa São Mateus 37-A (hoje Travessa Padre Eutíquio) e durou cerca de 40 anos, “...sendo o mesmo freqüentado por centenas de alunos integrantes das mais cultas e tradicionais famílias de nossa terra”, afirma um articulista do artista.

Não se sabe se foi Betty ou o seu pai que destacou alguns nomes como os de Ana Batista Panzutti, Ana Luzia Guerreiro de Carvalho, Cecília Martins, Eloi Silva, Eneida Dias da Cunha, Enock Silva, Lídia Rodrigues Nelson, Humberto Freitas, Irene Teixeira de Azevedo, Joaquim Lassance Maia, Neder Charone, Osvaldo Cruz Filho, Raimundo Braga (Peixe) e Zuleide Videira Tavares Cardoso, com as palavras “pintor” ou “pintora” entre parêntesis. Este detalhe atesta que a escola de Veiga Santos formou uma geração de pintores, um deles iria influenciar e atuar no ensino da arte em Belém, como o Prof. Neder Roberto Charone, o outro seria seu companheiro, como atesta a lavra de Meira Filho, em jornadas juntamente com outros pintores nas atividades de pintura em *plein air* nas matas dos arrabaldes de Belém:

Aqui mesmo em frente da mesa onde escrevo, está uma linda vista, uma paisagem verde, um caminho silencioso em meio à mata imensa do Utinga, quadro a óleo do falecido artista, ali pintado nessa época dos Salões de 48/49. Apreciando e patrocinando visitas ao lago “Água-Preta”, aos artistas de minha terra, como chefe daquele serviço, muitas telas de Veiga Santos, de Arthur Frazão, de João Pinto foram inspiradas na natureza pródiga da região dos mananciais, no “Buiussuquara”, no “Yuna”, no Água-Preta, preferencialmente. Dêsse convívio com os mestres saíram os alunos Rui Meira, Mello, Ricci, La Roque, Freitas, Pinho e muito outros que, com o correr dos anos, tornaram-se, igualmente, brilhantes pintores, cujas obras assistimos, vez por outra, expostas em salões individuais ou coletivos. Veiga Santos, o Mestre Frazão, Clotilde Pereira e Antonieta Feio, são os responsáveis pelo ensino, a dedicação, a orientação dos novos, nos últimos tempos e seria impossível olhar o passado ainda bem próximo de nossa vida cultural, nesse setor da pintura, sem dar aos quatro preceptores, o mérito que lhes assistem, verdadeiros incentivadores do gosto pela pintura, cujos alunos, posteriormente, ganharam seus próprios galardões, aprimorando suas tendências, agindo com liberdade de criação e estabelecendo, após a fixação de Frederico Barata em Belém, novos rumos para a expressão pictórica dos artistas parenses. (MEIRA FILHO, A, c. 1967)

Veiga Santos fez parte dos produtores de Belém e que estavam em Belém no tempo do modernismo brasileiro e sua estética é aquela que pode ser categorizada como eclético-acadêmica-pós-impressionista<sup>3</sup>, uma vez que em relação a pintura acadêmica havia rompido com a composição rígida e com a narrativa-alegórica-grandiloquente e de gabinete. Diferentemente do que se pensa sobre a pintura de paisagem desenvolvida pelos pintores do início do século XX, a pintura de Veiga Santos parece afastar-se de vínculos ideológicos, uma vez que seu engajamento era *avant la lettre* aos discursos sobre a natureza, sua biodiversidade e sustentabilidade, por tabela. Havia certa regionalidade sem, todavia, a vincar a mancha do discurso regionalista e, note-se, que Veiga Santos estava em sua terra e viajando por meio de sua obra pelo mundo como se estivesse retornado a ordem sem passar necessariamente pela interpretação da natureza, ou desmantelamento da imagem.

Veiga Santos surge no cenário cultural paraense momento pós-débâcle gomífero. Numa reconstrução breve desse cenário, podemos citar que em 1890 o Estado tentava criar, no governo de João de Farias a Academia de Belas Artes no Liceu Paraense sem sucesso porém. Segundo periódico de 1896<sup>4</sup> ao chamar atenção para o encerramento das matrículas no dia 31 de janeiro, informa que Luigi Libutti era um de seus lentes e que a mesma pretendia contratar os serviços do prof. Maurice Blaise. As Exposições Artísticas Industriais, de outro modo, preenchem a lacuna existente na esfera das artes plásticas paraense. Em 1899 uma nova tentativa se faz no sentido da criação de um espaço institucional par as artes plásticas, desta feita se emprestando o conhecimento de Pedro Campofiorito para realizar o grande sonho dos paraenses, porém o clima político em torno da composição da academia talvez fora a causadora do emperramento da sua concreção. O ambiente belenense questionava a importação de valores exógenos a cultura local e muitos não confiavam na competência dos valores endógenos.

Os antecedentes ao surgimento de Veiga Santos no cenário cultural também deve ser completado pela cultura das exposições escolares de desenho e Pintura iniciadas em 1909 quando Veiga Santos teria então 19 anos. Tais exposições iriam se estender até 1930. Em 1936<sup>5</sup> a sociedade Instrução Artística Brasileira edita o seu primeiro salão, organizado por Leônidas Monte e pelo Dr. Oswaldo Viana. O

Salão fora realizado no Salão Nobre do Teatro da Paz e, no certame, Veiga Santos é agraciado com a medalha de bronze, juntamente com Arthur Frazão, porém do segundo Salão de Ensaio (5º Centenário da Abolição da escravidão) como ficou denominado Veiga Santos não participou, porém alguns de seus alunos e duas de suas irmãs, incluindo Betty se fizeram presente.

Na década de 30 Ricci<sup>6</sup> relata que não existia mais a Academia Livre de Belas Artes fundada pelos artistas, Manoel Assunção Santiago, Manoel Pastana, Manoel Lassance Souza, Adalberto Cunha, Ângelus Nascimento, Othon Souza, Antônio Floquet, João Augusto Menezes, Calos Goldegol e Arthur Frazão, foi o período em que o ensino da arte da pintura e do desenho sobreviveram por meio das iniciativas do Colégio Moderno, onde ensinava Clotilde Pereira (Pintura) e Zuila Lopes Roberti Soares (Desenho), dos cursos particulares de Arthur Frazão, Antonieta Santos Feio, Reynoso (pintor peruano que lecionava nos altos do Café da Paz), de Manoel Pastana, Sítia Militão, Nila Burgos Xavier (ex professora da Academia Livre de Belas Artes) e o do Curso de Pintura de José Veiga Santos.

José Veiga Santos. "Queda d'água". o/t, 21 x 35 cm, 1966 Acervo: Betty Veiga Santos

Foi em meio a essas iniciativas que o mestre artista Veiga Santos destacou seu trabalho, tanto como professor de pintura, como, posteriormente, articulador cultural. O cenário de Belém respirava, a partir da década de 1940, um novo influxo econômico trazendo ares positivos para a cultura plástica paraense, afinal a segunda guerra mundial provocara uma nova valorização da borracha e o Pará apresentava, por conta disso, um novo surto de desenvolvimento quando o Interventor Dr. José Malcher teve a iniciativa de criar o Salão Oficial de belas Artes pelo Decreto nº 3.555 de 05 de setembro de 1940<sup>7</sup>

Dos onze salões realizados Veiga Santos participou daqueles de 1940 com quatro trabalhos, porém não foi selecionado, de 1941, como membro do Juri, de 1948, organizado pela SAI, tendo recebido o prêmio especial pelo conjunto de obras. Neste interregno, Veiga Santos, em dezembro de 1946, foi ter sua primeira

exposição individual no Hotel Quitandinha na cidade do Rio de Janeiro. “O jornal “A Noite”, edição de 19 de dezembro daquele ano, noticiava o evento, com uma grande foto da tela “Ver-o-Peso”, exibida na mostra. A revista “Doméstica” desse mês também noticiou o fato, na sua coluna “pelos salões da arte”.<sup>8</sup>

José Veiga Santos nos EUA quando foi estudar na *Fine Art School of New Jersey*. Acervo: Betty Veiga Santos

Nos guardados de Veiga Santos constam um diploma referente a medalha de bronze pelos trabalhos expostos na Exposição Paraense de Bellas Artes, organizado pela Sociedade Instrução Artística do Brasil. O certificado é todo decorado com grafismos marajoaras cujas letras seguem o mesmo estilo como se fossem esgrafitos cerâmicos; uma ficha de inscrição do 1º Salão de Belas Artes do Pará, o comunicado da nomeação de jurado do 4º Salão Oficial de Belas Arte de 24 de setembro de 1943 e uma carta de próprio punho em que declina de fazer parte da comissão julgadora do II Salão Oficial de Belas Artes, no qual alega a decisão por conta de estarem concorrendo ao certame um grupo de seus alunos. Este fato demonstra a seriedade e o compromisso de Veiga Santos no trato com os seus alunos face ao mercado da arte.

José Veiga Santos. o/t. Imagem sem dados identificadores por tratar-se de uma das reproduções fotográficas em miniatura das telas do pintor. Acervo: Betty Veiga Santos

As fotografias, remanescentes de seu rico acervo, atestam a competência com a qual Veiga Santos explorava as lentes e o desenho com a luz. Ao analisarmos suas telas e algumas de suas fotos, percebemos a preocupação do artista com a natureza da luz e com a luz da natureza, seja pelo tema seja pelos elementos intrínsecos da linguagem visual. Todavia a os fenômenos luminosos pós descobertas proporcionadas pela fotografia, não provocaram no pintor paraense uma nova atitude que libertasse a sua pintura da “escravidão da natureza, para tornar independentes os meios do artista”<sup>9</sup>. Se não vejamos:



Paisagista emérito, deixou em suas telas as mais belas cenas amazônicas, impregnadas daquele misticismo e bucolismo próprios dos momentos em que trabalhava com “Vento forte”, “lunar”, “Miritizeiro”, “Trecho de estrada” e centenas de outras não olvidando as belas vigorosas marinhas, aspectos do Rio-Mar.

Impressionava também, pela execução de naturezas mortas em cujos tons quentes, sombrios, terrosos ou transparentes, transmitiam exatamente a dosagem técnica, matemática, de quem sabia por vocação, todos os segredos contidos na palheta na disposição da Gam variada e profunda, ressaltando devidamente os valores, apesar das resumidas cores que usava

Possuía uma concepção transcendental da Arte pela Arte, não concebia jamais a existência de “fariseus” de porta de pinacoteca. Discordando – já naquela época – dos cambalachos que acompanhavam as “Normas” que regiam os concursos retirou-se definitivamente.

Começaram os natalinos de 1966, e justamente em pleno Natal, a missão de Veiga Santos terminava com um pôr do Sol que tanto pintara.

Na evolução da lembrança, o preto carinhoso a nossa saudade, ao pintor que fez de cada quadro seu, um mosaico panorâmico daquela Amazônia imensa, soberba e misteriosa, trabalhando sempre como dizia, “preocupado em embelezar ou corrigir a própria Natureza, sem nunca deturpá-la”.<sup>10</sup>

José Veiga Santos. Fotografia PB de Prudência Maria Santos e Beatriz Araújo dos Santos esposa e filha do artista, c. 1940. Acervo: Betty Veiga Santos

Os comentários existentes nos recortes que Betty carinhosamente guarda citam o artista em seu afã de ensinar e ver a natureza:

Prenderam-nos a atenção todos os trabalhos exibido, especialmente, os trabalhos do conhecido e estimado professor Veiga Santos, na secção de pintura, todos dignos do maior apreço, principalmente porque, na quase totalidade, são telas de caracter, regional, *Sentinella do Furo* (Alto Mojú), Fructas da Nossa terra, Ornamento do Atlântico, Feira (Vêr-o-peso), Ingenuidade de Dick e Jelly, Carangueijos do Salgado e Amor Perfeito, são todos de uma verdade flagrante.

Sobre o homem preocupado em formar outros artistas eis um excerto da lavra de Bruno de Menezes<sup>11</sup> a respeito da exposição de Arte pela efeméride do cinquentenário da abolição:

O professor Veiga Santos revelou ao público, com surpresa, um grupo promissor de seus jovens alumnos. Modesto, criterioso e infenso aos methodos reformistas, esse artista de merecimento vae conseguindo tirar do casulo futuros pintores victoriosos.

É de reflectir-se na coragem com que esses iniciantes inscreveram seus trabalhos no certame, sem outras credenciais que o incentivo de seu professor.

De outra feita Augusto Meira Filho lembra de Veiga Santos como o agente cultural a influenciar seu tempo, como sujeito capaz de mudar padrões:

Quantas vezes, os encontros prolongados com mestre Ângelus no saudoso “Café Manduca” ao lado de Frederico Barata, de Arthur Frazão, de Leônidas Monte, todos sonhadores peregrinos da beleza, tentando vencer a apatia do meio, ganhar a vida honradamente no silêncio dos ateliers, criando a sua imagem na própria imagem do que criavam para a posteridade. Frazão está presente naquelas telas, como Ângelus canta na volutas de seus desenhos preciosos a anunciar o que viria, hoje, tão puro e tão novo como a sua imaginação deixaria fixada na tela há vinte ou trinta anos. Veiga Santos, repousante, como a sua figura esguia, tranqüila, na voz serena e compassada, que ainda ouvimos a cochichar os segredos de sua arte.

Dessa forma e com todo o conteúdo que dominava, Veiga Santos consolidou a sua arte e semeou o seu conhecimento em seu atelier escola. As inúmeras naturezas mortas, paisagens e retratos, foram os recursos culturais, desculpas pedagógicas, poesia em pigmentos e aglutinantes sobre tecidos estirados com os quais o pintor contribuiu para a construção de uma sensibilidade e de um mundo maior que contivesse todo mundo amazônico iluminado, emoldurado. Finalmente, podemos afirmar que as inúmeras imagens e notações dos papeis que Betty Veiga Santos nos entregou em sua residência, marcaram um tempo que ficou retido nos registros fotográficos feitos em ingênuos ensaios metalinguísticos e de forte desejo de eternidade.

#### Notas:

1. Trata-se do preâmbulo de “Uma História do olhar no ocidente, Vida e Morte da Imagem”, p. 13, 1993.
2. Dados biográficos do Pintor Veiga Santos, in folio, de propriedade de Betty Veiga Santos.
3. Cf. CAMPOFIORITO, Q. “História da Pintura Brasileira Século XIX”, p. 121, 1983.
4. Cf. RICCI, P. in: “As artes Plásticas no Estado do Pará”, p. 104, c. 1976.
5. Idem, p. 241
6. Idem, p. 244
7. Idem, p. 251
8. Idem, p. 271

9. Cf. PEDROSA, M. In: "Arte Forma e Personalidade, capitulado como Panorama da pintura Moderna In: ARANTES, O. (org.), *Modernidade cá e lá – Mário Pedrosa*, 2000, p. 145.
10. Cf. VASCONCELOS N.A. "Evocação de um esteta", fotocópia de artigo de revista, 1983.
11. Cf. MENEZES, B. "Exposição de Arte do cincoentenário da abolição" In: *Folha do Norte*, Terça-feira, 7 de junho de 1983

## Referências

ARANTES, O. *Modernidade cá e lá – Mário Pedrosa*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000.

CAMPOFIORITO, Q. *História da Pintura Brasileira no Século XIX*. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1983.

DEBRAY, R. *Vida e Morte da Arte – Uma história do olhar no ocidente*, Petrópolis: Vozes, 1993.

MEIRA FILHO, A. *Relembrando dois mortos*. Fotocópia de jornal de 1967

MENEZES, B. *Exposição de Arte do cincoentenário da abolição*. In: *Folha do Norte*, 7 de junho de 1938.

RICCI, P. *As Artes Plásticas no Estado do Pará*, in folio, c. 1976.

## Edison da Silva Farias é arquiteto

Escultor e gravador, Mestre e Doutor em Artes (ECA-USP 2000 e 2003). Atualmente é Diretor da Faculdade de Artes Visuais e Museologia do Instituto de Ciências da Arte da UFPA e professor orientador no Programa de Pós-Graduação e Artes do mesmo Instituto. Pesquisador filiado a ANPAP.